

OS LIMITES DA LÓGICA NA OBRA *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE WITTGENSTEIN

Kleber Moresco
klebmoresco@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7378612806891095>

RESUMO

O presente trabalho de caráter qualitativo-bibliográfico apresenta uma proposta de interpretação de alguns pontos do *Tractatus Logico-Philosophicus*. A obra de Wittgenstein apresenta os limites da lógica para a investigação científica que precisam ser respeitados, pois a tentativa de ultrapassar os limites gera proposições sem sentido nenhum. Delimitar o campo das proposições lógicas, bem como o limite da compreensão racional humana é uma das tarefas revolucionárias do *Tractatus*. A existência determina a descrição e não o oposto, por isso, a impossibilidade de descrever não significa a inexistência. A linguagem lógica é uma das formas de linguagem, mas não é a linguagem por excelência. A própria existência é uma forma de linguagem. Portanto o limite da capacidade racional humana não interfere no sentido da existência. A tarefa de reconhecer os limites racionais é uma parte muito importante na compreensão do sentido da existência. A experiência do sujeito com as existências do mundo permite a compreensão do sentido, mas não a explicação. Wittgenstein consegue propor uma forma de compreensão da linguagem desafiadora, que encanta, mas ao mesmo tempo desafia na sua aplicação.

Palavras-chave: Existência. Experiência. Limites. Lógica. Sentido.

INTRODUÇÃO

Wittgenstein apresenta na introdução do *Tractatus*, que a compreensão do tema exposto por ele pressupõe que o leitor já tenha se perguntado acerca dos problemas linguísticos.

A linguagem lógica é tratada por Wittgenstein como o elemento fundamental da ciência, pois a tarefa do cientista é a descrição da existência ou não de determinado fato no mundo. Mas também o filósofo utiliza a mesma ferramenta, de aspecto diferente; enquanto que o cientista está preocupado em descrever, o filósofo fixa seu olhar para a construção lógica do argumento.

Desse modo, mesmo tomando a linguagem lógica de dois aspectos bem diversos, mas tanto a filosofia quanto a ciência necessitam dela para desenvolverem suas

conclusões. Contudo a linguagem lógica não determina a ordem das existências no mundo, apenas descreve (tarefa científica). Assim, há um espaço onde a linguagem não pode mais descrever coisa alguma. Diante dessa incapacidade racional, o cientista se vê obrigado a dar uma resposta, enquanto que o filósofo guarda silêncio.

A tentativa do cientista de dar uma resposta para esses problemas gera diversos problemas linguísticos, que deverão ser esclarecidos pelo filósofo. O filósofo precisa identificar e corrigir a estrutura lógica do argumento, mostrando que toda tentativa de ultrapassar os limites da linguagem lógica, geram tautologias e contradições.

1. OS LIMITES DA LÓGICA

Wittgenstein afirma, desde o início de sua obra, que deseja traçar um limite para a expressão do pensamento.¹ Contudo, “o limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso.”² Não é possível dizer aquilo que não pode ser pensado, e, por isso, a delimitação deve ser feita a partir daquilo que se pode falar e conhecemos. A tentativa de falar daquilo que não pode ser dito já é em si contraditória, portanto, estabelecendo sobre o que versa a linguagem lógica, apontamos para aquilo que ela não tem domínio.

A tentativa de ultrapassar os limites do dizível gera proposições tautológicas ou contraditórias. Proposições que não têm sentido são chamadas de tautologias ou contradições. “Para que proposições, enlaçadas de determinada maneira, resultem numa tautologia elas devem ter determinadas propriedades estruturais. Que assim ligadas resultem numa tautologia.”³ A tautologia e a contradição são duas formas de proposições que, mesmo possuindo estrutura lógica, não possuem sentido. Elas não apresentam construção lógica, capaz de transmitir conteúdo, e muito menos estabelecer relação com os objetos do mundo.

1 WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad.: Luiz Henrique Lopes Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 131.

2 *Ibidem*. p. 131.

3 *Ibidem*. p. 251.

“Para ter sentido, uma proposição deve possuir condições de verdade e, portanto, deve representar um estado de coisas possível cuja existência eventual não pode ser senão perfeitamente contingente e acidental.”⁴ Dentro do sistema tautológico ou contraditório a consequência é necessária e determinada. “Os limites da linguagem são a tautologia, que sempre é verdadeira, e a contradição, que sempre é falsa. Ambas carecem de sentido porque não dizem fatos.”⁵ A proposição tautológica ou contraditória não comunica nenhum sentido através da relação das suas partes.

“Está na essência da proposição poder comunicar-nos um novo sentido,”⁶ por isso, a tautologia e a contradição são na realidade anti-proposições lógicas, que apresentam uma estrutura totalmente diversa da função descritiva e comunicativa da linguagem lógica. “A proposição com sentido é aquela que apresenta os estados de coisas que existem.”⁷ A tautologia e a contradição não apresentam estados atuais dos objetos nem mesmo possibilidades, elas simplesmente não têm sentido.

“A contradição é o limite exterior das proposições, de que a tautologia é o centro sem substância.”⁸ A tentativa de descrição generalizada de todos os objetos pode cair em uma contradição; enquanto que a especificação minuciosa do objeto pode gerar uma tautologia. A tentativa de ultrapassar o limite da linguagem apresenta sua falta de sentido lógico ao ser transformada em proposição.

1.2 Limites da lógica: a figuração,⁹ as propriedades internas, o simples e o complexo.

4 SCHMITZ, F. **Wittgenstein**. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. p. 131.

5 ZILLES, U. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 50.

6 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 171.

7 ARAÚJO, I. **Do signo ao discurso**: Introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 77.

8 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 209.

9 Figuração é a capacidade de abstrair um objeto ou fato, torna-lo mental, abrindo possibilidade para uma descrição daquele objeto.

Um exemplo do limite da linguagem lógica é a relação de figuração. A figuração é um fato, e todos os fatos podem ser figurados.¹⁰ “Embora a figuração possa afigurar o fato, ela não pode afigurar a própria forma de afiguração que está sendo utilizada para afigurar o fato.”¹¹ A figuração está dentro da proposição, mas não pode ser descrita de modo lógico.

Toda figuração toma o objeto a partir do exterior, “a figuração, porém, não pode colocar-se fora de sua forma de representação,”¹² ela não pode colocar-se fora de si mesma para figurar-se. As proposições não podem figurar a lógica, mas, a manifestam em todas as descrições. “Sua forma de afiguração, porém, a figuração não pode afigurar; ela exhibe.”¹³

Para figurar um objeto, é necessário que o sujeito tome seu objeto a partir do exterior, isto é: coloque-se fora dele. Contudo, não há possibilidade de um sujeito se colocar fora do mundo para figurá-lo. Não é possível figurar totalmente o mundo, pois esse processo consiste em descrever todas as proposições elementares verdadeiras. “A proposição elementar consiste em nomes. Como não podemos, porém, especificar o número dos nomes com significados diferentes, tampouco podemos especificar a composição da proposição elementar.”¹⁴ Apresentar o sentido do nome é apresentar também o sentido do mundo.

O nome é o sinal linguístico para o fato de uma existência. Contudo, “uma coisa absolutamente simples não pode ser descrita; pode-se apenas nomeá-la.”¹⁵ Os objetos não podem receber uma descrição mais simples que seu próprio nome.¹⁶ Em relação aos objetos: “só posso falar sobre eles, não posso enunciá-los. Uma proposição só pode dizer

10 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 143.

11 PINTO, P. **Iniciação ao silêncio**: uma análise do *Tractatus* de Wittgenstein como forma de argumentação. São Paulo: Loyola, 1998. p. 163.

12 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 145.

13 *Idem.*

14 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 241.

15 SCHMITZ. *op. cit.* p. 91.

16 *Ibidem.* p. 151.

como uma coisa é, não o que ela é.”¹⁷ A linguagem lógica não consegue explicar o sentido do nome, mesmo ele sendo o sinal mais simples e comum dentro das proposições da própria linguagem.

“Para conhecer um objeto, na verdade não preciso conhecer suas propriedades externas – mas preciso conhecer todas suas propriedades internas.”¹⁸ Consequentemente, a proposição nunca explica o que é um objeto, pois toda figuração é uma descrição das propriedades externas. A lógica não consegue afigurar a essência de um objeto, e consequentemente, não pode explicar o sentido de um nome.

O raciocínio de Wittgenstein é o seguinte: se as proposições complexas da nossa linguagem têm um sentido determinado, elas devem ser constituídas de articulações de proposições atômicas que existem no nível fático e, portanto, são fatos; se as proposições atômicas devem corresponder ao ponto de chegada da análise, elas devem ser constituídas de signos simples, que devem existir no nível transcendental das condições de possibilidade das proposições atômicas, que são fatos.¹⁹

O nome possui sentido transcendental, que não pode ser descrito pela lógica. “A proposição mostra como estão as coisas se for verdadeira. E diz que estão assim.”²⁰ O significado está descrito na proposição e depende da ciência natural para ser considerado verdadeiro; o sentido está para além da proposição e depende da experiência pessoal.

Não é possível descrever a razão lógica da existência do objeto. Do mesmo modo que “um discurso tratando da forma lógica da proposição, ou dos objetos simples, é impossível.”²¹ Um discurso lógico figurando a própria lógica é um contra-senso. A experiência capaz de mostrar o sentido da existência não pode ser comunicada através da

17 SCHMITZ. *op. cit.* p. 151.

18 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 137.

19 PINTO. *op. cit.* p. 154.

20 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 169.

21 SCHMITZ. *op. cit.* p. 100.

linguagem, pois a linguagem lógica não pode figurar algo que esteja além dos estados de coisas.

2. TENTATIVA DE DESCRIÇÃO DO INDIZÍVEL E SUAS CONSEQUÊNCIAS.

“Wittgenstein reconhece que as piores ambiguidades das línguas naturais só podem disfarçar verdadeiramente essa lógica se tentarmos fazer dela própria o objeto de um discurso.”²² Ao tentar elaborar um discurso sobre a lógica, a ambiguidade não estará sendo solucionada; muito pelo contrário, será disfarçada como possuidora de sentido.

“Cumpra à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos.”²³ A linguagem verdadeira é clara e precisa, por isso, “as soluções dos problemas lógicos devem ser simples, pois estabelecem o padrão da simplicidade.”²⁴ Os contra-sensos, diversas vezes, apresentam um enunciado de difícil compreensão para disfarçar a sua falta de sentido.

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contra-senso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem. [...]. E não é de admirar que os problemas mais profundos não sejam propriamente problemas.²⁵

A tarefa do filósofo é mostrar o que pertence ao indizível a partir do dizível. A filosofia “significará o indizível ao representar claramente o dizível.”²⁶ Utilizando sempre de uma linguagem simples. “A filosofia limita o território disputável da ciência natural.

22 GRANGER, G. **Por um conhecimento filosófico**. Trad.: Constança M. Cesar e Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1989. p. 201.

23 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 177.

24 *Ibidem.* p. 223.

25 *Ibidem.* p. 165.

26 *Ibidem.* p. 179.

Cumpra-lhe limitar o impensável de dentro, através do pensável.”²⁷ O cientista se preocupa com a verificação das proposições, enquanto que o filósofo cuida da construção e análise das proposições.

“Por oposição ao cientista, que não precisa engajar-se como pessoa em seu trabalho de dizer os fatos, o filósofo engaja-se pessoalmente naquilo que diz, pois exprime uma experiência humana individual,”²⁸ na atividade filosófica, que tem como objetivo tornar as proposições claras.²⁹

As proposições lógicas apresentam a lógica, mas não a descrevem. Desse modo, “as proposições descrevem os estados de coisas, mas não podem descrever a sua própria estrutura, comum com a da realidade representada: elas podem apenas mostrá-la.”³⁰ A proposição é um modelo que mostra a lógica, mas não consegue descrever o que é a lógica, pois isso levaria a proposição a gerar um contra-senso.

Se as proposições da linguagem realmente fossem claras não haveria necessidade de criar modelos para constatar a validade da proposição. A matemática só é necessária no estudo da linguagem por que as proposições não são claras. “As proposições da matemática são equações; portanto, pseudo-proposições”³¹ que ajudam a apresentar a lógica da proposição.

As funções de verdade não são funções materiais. Se é possível, p.ex., gerar uma afirmação por meio de uma dupla negação, estaria a negação – em algum sentido – contida na afirmação? ‘ $\sim\sim p$ ’ nega $\sim p$ ou afirma p ? Ou faz ambas as coisas? A proposição ‘ $\sim\sim p$ ’ não trata da negação como de um objeto; mas a possibilidade da negação já está prejudgada na afirmação. E se houvesse um objeto chamado ‘ \sim ’, ‘ $\sim\sim p$ ’ deveria dizer algo

27 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 179.

28 MORENO, A. **Os labirintos da linguagem**: Ensaio introdutório. São Paulo: Moderna, 2000. p. 32.

29 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 177.

30 NEF, F. **A linguagem**: uma abordagem filosófica. Trad.: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 146.

31 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 219.

diferente que 'p' diz. Pois, nesse caso, uma das proposições trataria precisamente de \sim , a outra não.³²

Os erros de utilização da linguagem muito frequentemente estão disfarçados de proposições que aparentemente possuem sentido. A matemática é um expediente lógico para esclarecer o uso da lógica dentro da linguagem. “A lógica do mundo, que as proposições da lógica mostram nas tautologias, a matemática mostra nas equações.”³³ A necessidade da utilização da matemática dentro da linguagem nasce do mau uso da própria linguagem.³⁴

“Que as proposições da lógica sejam tautologias, isso mostra as propriedades formais – lógicas – da linguagem, do mundo.”³⁵ Dentro de uma linguagem bem empregada, as proposições que extrapolam o limite da linguagem apresentam em si mesmas a sua falta de sentido. Quando a lógica é bem empregada, a própria proposição apresenta a relação interna que une antecedente e conseqüente.

“A demonstração na lógica é apenas um expediente mecânico para facilitar o reconhecimento da tautologia, quando ela é complicada.”³⁶ A linguagem correta não necessita de nenhuma demonstração, pois ela apresenta as relações internas entre antecedentes e conseqüentes de modo simples.

A relação interna não assegura de modo algum a verdade da proposição, pois “é impossível a uma proposição enunciar que ela própria é verdadeira,”³⁷ essa é uma tarefa da ciência natural. A tarefa filosófica é oferecer uma proposição clara, para que a ciência natural, possa analisá-la e verificar seu valor de verdade ou falsidade, de acordo com a realidade.

32 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 261.

33 *Ibidem.* p. 263.

34 SCHMITZ. *op. cit.* p. 120-127.

35 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 251.

36 *Ibidem.* p. 261.

37 *Ibidem.* p. 195.

Do mesmo modo que a filosofia não pode invadir o campo da ciência natural, a ciência natural gera diversos problemas ao tentar entrar no campo da filosofia.

A mecânica é uma tentativa de construir, segundo um só plano, todas as proposições verdadeiras de que precisamos para a descrição do mundo. Com todo o aparato lógico de permeio, as leis físicas ainda assim falam dos objetos do mundo.³⁸

A ciência necessariamente precisa ser clara, mas não apresenta quais são os fundamentos da existência.³⁹ “Toda a moderna visão do mundo está fundada na ilusão de que as chamadas leis naturais sejam explicações dos fenômenos naturais,”⁴⁰ na realidade são apenas descrições da forma como acontecem os fenômenos no mundo; uma vez que a lógica não possui a capacidade de descrever e determinar a si mesma.

“Que o sol se levantará amanhã, é uma hipótese; e isso quer dizer: não sabemos se ele se levantará. Não há coerção em virtude da qual, porque algo aconteceu, algo mais deva acontecer.”⁴¹ Não existe uma necessidade lógica, que estabelece que o sol deve nascer nos dias determinados pela ciência. A ciência apenas descreve, nunca determina o mundo. A vontade humana individual pode interferir na compreensão pessoal do mundo,⁴² mas isso não modifica em nada o que o mundo é em si mesmo. Nenhuma existência está subordinada à vontade ou à ciência. A vontade humana e a ciência não alteram nenhum fato do mundo.⁴³

Não existe modelo que apresente uma causalidade do mundo, pois o ser humano não pode compreender completamente a lógica que rege o mundo. Com referência às leis da natureza, apenas é possível dizer que existem leis naturais; isso se mostra claramente,

38 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 269.

39 ZILLES. *op. cit.* p. 33.

40 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 273.

41 *Ibidem.* p. 273.

42 *Ibidem.* p. 245.

43 *Ibidem.* p. 277.

pois qualquer tentativa de determinar a lógica da natureza está fadada ao fracasso e ao erro.⁴⁴

Dentro do modelo científico verdadeiro, “as leis lógicas não podem, por sua vez, subordinar-se a leis lógicas.”⁴⁵ Um modelo lógico, ou uma teoria é criada supostamente explicando um evento do mundo; essa teoria é aceita apenas enquanto nenhum fato do mundo mostrar algo diferente do que ela afirma. Portanto, a realidade necessariamente é superior ao modelo lógico. A lógica sempre obedece à realidade.

As leis lógicas não podem ser totalmente descritas pela mecânica, isso seria como conter dentro de um modelo toda a lógica que rege o mundo. A forma lógica é objeto de estudo da filosofia. A filosofia compreende que existe um limite para aquilo que pode ser descrito e aquilo sobre o qual não se pode falar. “A forma lógica não pode ser pictorialmente representada,”⁴⁶ por isso a tentativa da mecânica é um contra-senso. A lógica do mundo não pode ser contida dentro de um modelo.

A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem, esta não pode representar. O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimir por meio dela. A proposição mostra a forma lógica da realidade. Ela a exhibe.⁴⁷

A lógica da proposição ultrapassa a própria capacidade de descrição e se situa no campo do indizível. A função do filósofo não é elaborar um modo de tentar descrever o inefável, sua função é de apresentar, com uma linguagem clara, o limite da linguagem.

3. A EXPERIÊNCIA DO INDIZÍVEL

Diante da delimitação daquilo que pode e daquilo que não pode ser dito, “[Wittgenstein] admite, pois, que haja coisas importantes que não se pode dizer, mas

44 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 271.

45 *Ibidem.* p. 257.

46 COSTA, C. **Filosofia da linguagem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 34.

47 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 179.

apenas mostrar [...]. Conforme a lógica de nossa linguagem, só se pode dizer como é a realidade e nada sobre o que é.”⁴⁸ É possível traçar a linha a partir daquilo que pode ser dito.

Existem dois limites para o dizível: o primeiro consiste em que dizer não é mostrar. O segundo em que existe o inexprimível. O primeiro limite faz com que a essência da proposição mostre a essência do mundo, mas não dê meios de significá-la ou dizê-la. [...] O segundo limite, ao contrário, faz com que certas proposições não digam nada sobre o mundo: elas mostram alguma coisa dele.”⁴⁹

O mundo possui uma estrutura lógica, contudo, no mundo há elementos transcendentais que ultrapassam o limite do dizível. As existências não são dependentes da nossa compreensão ou vontade para existirem como tal, o ser humano precisa se adequar e reconhecer seu limite diante do mundo, não criar um sistema lógico sem sentido que adapte o mundo dentro da capacidade humana de descrição.

Ainda que tudo que desejássemos acontecesse, isso seria, por assim dizer, apenas uma graça do destino, pois não há nenhum vínculo lógico entre vontade e mundo que o garantisse, e o suposto vínculo físico, por seu lado, decerto não é algo que pudéssemos querer. Assim como há apenas a necessidade lógica, há também apenas impossibilidade lógica.⁵⁰

A lógica que ordena e organiza o mundo é uma existência desvinculada e independente da vontade humana. A lógica está no mundo, mas não pertence ao campo descritível do mundo. Desse modo, independentemente do que o ser humano determinar para o mundo, essa lei não tem nenhuma força sobre o mundo. Não existe um nexo capaz de antecipar os acontecimentos de forma certa, “os eventos do futuro, não

48 ZILLES. *op. cit.* p. 54.

49 NEF. *op. cit.* p. 146.

50 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 275.

podemos derivá-los dos presentes. A crença no nexa causal é a *superstição*,⁵¹ pois o ser humano não tem a capacidade de compreender totalmente a lógica.

Os elementos mais importantes e que fundamentam a existência do próprio mundo estão no campo do indizível. “Aquilo que faz o mundo ser mundo manifesta-se na linguagem, mas não pode ser dito.”⁵² Sobre os principais elementos da existência, nada pode ser descrito pois também eles se encontram fora dos limites descritivos. As respostas que a filosofia oferece são, na realidade, sem sentido; o sentido da existência está na vida, e não na nossa explicação sobre a vida.

O entendimento do *Tractatus* fica prejudicado quando lido apenas a partir da força da sua expressão lógica.⁵³ O indizível é o que fundamenta e dá sentido para todas as existências. “O indizível é o místico, o que está fora da linguagem e do mundo. Não podemos exprimir o místico com uma linguagem descritiva, pois esta só pode dizer como é a realidade e nada sobre o que é.”⁵⁴ Os elementos transcendentais são o sentido da existência.

Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contra-sensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente.⁵⁵

A partir do momento em que o sujeito compreende o limite que existe entre a descrição e a experiência, todos os métodos acabam por se tornar dispensáveis. Se o fundamento do mundo está fora dos limites descritíveis, então tudo o que é descritível, como a própria obra de Wittgenstein se apresenta como ferramenta dispensável.

51 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 207.

52 ZILLES. *op. cit.* p. 44.

53 BORGES, V. **Ética e lógica no *Tractatus* de Wittgenstein**. Curitiba: Vicentina, 2008. p. 13.

54 *Ibidem.* p. 17.

55 WITTGENSTEIN. *op. cit.* p. 281.

A compreensão verdadeira da linguagem apresenta que o sentido da existência não é uma explicação, mas uma experiência. O sentido não pode ser explicado, pode apenas ser vivido.

CONCLUSÃO

Wittgenstein conseguiu mostrar de forma lógica, que a própria lógica tem um limite na sua descrição. Essa afirmação precisa ser acompanhada de uma prática consciente para que a aplicação dela aconteça. O Limite da lógica descritiva precisa ser respeitado.

O limite lógico é experimentado por todos, mas não pode ser descrito. A existência é superior à descrição que fazemos dela. O filósofo é o guardião da linguagem, sua função mostrar que não é necessário oferecer resposta para tudo.

A atitude de conviver com o limite é a necessidade fundamental da vida humana. A linguagem lógica reafirma a própria existência, portanto, a grande experiência com a verdade está na experiência, e não na descrição. Todas as explicações apresentadas servem para mostrar essas duas conclusões: A linguagem depende da existência, e a existência é superior à linguagem descritiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. **Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORGES, V. **Ética e lógica no Tractatus de Wittgenstein**. Curitiba: Vicentina, 2008.

COSTA, C. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRANGER, G. **Por um conhecimento filosófico**. Trad.: Constança M. Cesar e Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1989.

MORENO, A. **Os labirintos da linguagem: Ensaio introdutório**. São Paulo: Moderna, 2000.

NEF, F. **A linguagem: uma abordagem filosófica**. Trad.: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PINTO, P. **Iniciação ao silêncio: uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação**. São Paulo: Loyola, 1998.

SCHMITZ, F. **Wittgenstein**. Trad.: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ZILLES, U. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad.: Luiz Henrique Lopes Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SOBRE O AUTOR:

Possui licenciatura em filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI), está cursando bacharelado em Teologia pelo Studium Theologicum de Curitiba, instituto este, filiado à Pontificia Universidade Laternanense e possui uma especialização em andamento, na área de Espiritualidade Franciscana, pelo Instituto de Cultura, Educação e Humanidades (INSECH) de Curitiba.